

A TÉCNICA *CHIAROSCURO* E SUA PRESENÇA NAS CAPAS DE ÁLBUNS

MUSICAIS¹

Carolina Costa²

Juliana Bortolossi³

Marcela Fonseca⁴

Mariana Ribeiro⁵

Pedro Antun Lavigne de Lemos⁶

Universidade Federal de Ouro Preto - Instituto de Ciências Sociais Aplicadas

RESUMO

Este trabalho apresenta análises das capas dos álbuns *Exagerado* (1985), do Cazuzu, *Benjor* (1989), do Jorge Ben Jor, *Depois do Fim* (2023), da banda Lagum e *Caju* (2024), da Liniker. A pesquisa busca entender qual o sentido que os artistas querem transmitir ao utilizar a técnica *chiaroscuro*, que remete ao estilo artístico Barroco, na construção do contraste entre claro e escuro na fotografia de seus álbuns. Dessa forma, tratamos da iluminação característica do Barroco, seu sentido na arte e sua presença ainda viva na indústria cultural contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE

Chiaroscuro; Capas de álbum; Barroco; indústria cultural

INTRODUÇÃO

O Barroco é um estilo artístico literário proveniente da Europa do final do século XVI, relacionado com as transformações religiosas e políticas da Reforma Protestante e da Contrarreforma. Segundo Rouanet (2003), a arte barroca era usada, primordialmente, como propaganda para o movimento contrarreformista da Igreja Católica, ao mesmo tempo em que os artistas buscavam retratar os prazeres sensoriais da humanidade. Segundo o autor, “o Barroco foi antes de mais nada uma cultura da propaganda”, que buscava “aliciar espíritos, conquistar corações, apelar para os sentimentos” e “se dirigia aos sentidos, e não à razão” (Ibid., p. 3). Uma das principais características do estilo é a dualidade, visto tanto no contraste de temáticas como também nos usos da luz.

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Estudos Audiovisuais, evento integrante da programação do 28º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 15 a 17 de maio de 2025.

² Graduanda do Curso de Jornalismo da UFOP; e-mail: carolina.sc@aluno.ufop.edu.br

³ Graduanda do Curso de Jornalismo da UFOP; e-mail: juliana.bortolossi@aluno.ufop.edu.br

⁴ Graduanda do Curso de Jornalismo da UFOP; e-mail: marcela.pauline@aluno.ufop.edu.br

⁵ Graduanda do Curso de Jornalismo da UFOP; e-mail: mariana.batista1@aluno.ufop.edu.br

⁶ Professor substituto do Curso de Jornalismo da UFOP; e-mail: pedro.lemos@ufop.edu.br

Utilizaremos como base para esse artigo a técnica *chiaroscuro*, claro-escuro, que entendemos aqui como a manipulação da relação entre luz, sombra e profundidade, através da representação das mesmas em função de um objetivo na obra, ou seja, nos atentamos para o controle do contraste na representação, que pode gerar diversos significados na leitura da arte⁷. O jogo de luz se dá muitas vezes por um fundo escuro com uma única fonte de iluminação que nos direciona para o ponto central da obra e, além de garantir uma intensidade visual, os artistas trabalham também com a construção de sentido atrelado às emoções como tristeza, medo, dor e renascimento. Pelo seu significado expressivo e dramático, a técnica é utilizada frequentemente em obras da indústria musical contemporânea, visto principalmente em álbuns de músicas populares brasileiras. Dessa forma, o estudo busca analisar o uso da técnica em dois álbuns do período de 1980 e outros dois mais populares, da década de 2020, refletindo assim sobre a criação e a potencialização de significados a partir do jogo de luz nas capas.

Exagerado (1985)



Figura 1 - À esquerda, capa do álbum *Exagerado*, do Cazusa, lançado em 1985 pela Som Livre. À direita, pintura *Judite e Holofernes*, de 1598, assinada por Caravaggio. / Imagens: Wikipédia

Cazusa, foi um cantor e compositor brasileiro cujas canções expressavam sentimentos complexos e críticas à situação política e social do país. Em seu álbum de estréia da carreira solo, *Exagerado* (Figura 1), de 1985, temos uma estética visual que revela influências do Barroco, caracterizado por uma dramaticidade que transcende contextos históricos. Nele, percebemos como o *chiaroscuro* pode remeter a obras barrocas, como as do pintor italiano Caravaggio. Segundo Igor Kraguljac:

Uma das principais qualidades do *chiaroscuro* é inserir um efeito de prazer em toda a foto ao dividir os espaços pela luz e sombra e prevenindo a confusão visual ao guiar

⁷ Para a conceituação do *chiaroscuro*, nos baseamos, principalmente, nos capítulos 19 e 20 do livro *A História da Arte* (1999), de Gombrich.

o olho pela composição. Desse modo, o olho do observador pode primeiro enxergar o objeto central e gradualmente ir examinando toda a foto, de uma forma que partes do obscuro são reveladas e outras ocultas, de acordo com o ideal do pictorialismo. Definindo as partes mais importantes da cena pelo uso da luz e sombra, o chiaroscuro dá ênfase e expressão para as imagens. (KRAGULJAC, 2008, p.25)

A dramaticidade da imagem de capa de *Exagerado*, com tons quentes e contrastantes, enfatiza emoções intensas e conectam o público às suas composições. Assim, a fotografia se torna uma expressão artística que incorpora estilos do passado ao presente.

Levando em consideração a fotografia como uma forma de representação, nota-se que as imagens fotográficas podem se constituir de diferentes técnicas, inclusive de outros meios artísticos como a pintura, o que parece produzir, aqui, um enriquecimento nas perspectivas e significados. A capa de *Exagerado* exemplifica como a fotografia pode transcender sua função documental para se tornar uma forma de arte expressiva e evocativa. Ao incorporar elementos barrocos, como o uso dramático da luz e sombra, como na dualidade que divide o rosto do artista, e a composição teatral de sua pose, que olha com seriedade para o público, a imagem de Cazuzza na capa cria uma narrativa visual que reforça os significados evocados nas canções do álbum, seja nas emoções superlativas do amor nas faixas *Exagerado* e *Medieval II*, seja na melancolia autodestrutiva de *Mal Nenhum* e *Desastre Mental*.

Benjor (1989)



Figura 3 - Capas e encartes do álbum *Benjor*, lançado em 1989 por Jorge Ben Jor. À esquerda, capa da remasterização de 2001; ao meio, capa original de 1989; à direita, fundo do encarte original. / Imagens: Discogs.

O álbum *Benjor* (Figura 3), lançado em 1989 por Jorge Ben, foi remasterizado em 2001 a partir das fitas originais e produzido por Liminha, Nando Reis e Vitor Farias através da gravadora WEA. A obra consagra uma nova fase na carreira de Jorge Ben e foi utilizado para consolidar o novo nome artístico do artista, Jorge Ben Jor. Assim, o álbum serviu para atrair um público mais jovem, mas sem negar suas origens, lançando músicas com um toque de *pop*, *soul*, *samba* e *funk*.

Para Barthes (1980), a fotografia é uma mensagem dotada de uma autonomia estrutural, que, na capa de *Benjor*, é possível constatar através das suas diversas simbologias. Nela, o par de mãos negras, que segura medalhas, anéis, correntes e jóias, extrapola o que é visível e explícito e traz sentidos que estão para além da própria fotografia.

A utilização da iluminação, no contraste entre claro e escuro, é perceptível também na parte interna dos encartes de *Benjor*. Nessa perspectiva, é possível constatar que a fotografia das mãos, repleta de objetos preciosos e destacadas por um único foco de luz em meio a um cenário completamente escuro, pode representar a intenção do artista de entregar o que possui de mais precioso: sua arte, sua ancestralidade e o que elas representam — o que pode ser relacionado com o sentido de valorização das culturas africana e brasileira, amalgamadas através dos artistas homenageados na oitava canção do álbum, *Mama Africa*, que justapõe músicos como Fela Kuti e Miriam Makeba com Gilberto Gil e Jovelina. No encarte original, a iluminação é uma forma de desnudar a feição do artista, reafirmando que Jorge Ben Jor mostra-se cara a cara ao público, numa entrega que vai dos seus valores e crenças a uma nova modelagem de si mesmo.

Depois do Fim (2023)



Figura 4 - Capa do álbum *Depois do Fim*, da banda Lagum, lançado em 2023 pela Sony Music Entertainment / Imagem: Wikipedia

A banda brasileira Lagum lançou, em 2023, seu quarto álbum de estúdio, *Depois do Fim*, que reflete sobre as transformações e o amadurecimento do grupo a partir da perspectiva do encerramento de ciclos, como é possível perceber na canção *Frágil*. O álbum como um todo é atravessado pela morte, em setembro de 2020, do baterista Breno Braga, que fazia parte da banda e era conhecido como “Tio Wilson”. *Depois do Fim* foi o primeiro disco lançado sem a participação do artista, e perpassa o ciclo do luto e da renovação visual da banda.

Em um fundo noturno, a capa do disco apresenta uma casa com fogo saindo pelas laterais e os quatro integrantes sentados no telhado, em uma janela. O fogo, que destaca o tema central com a sensação de profundidade criado pelo jogo de luz e sombra, acentua a sobreposição das cores e evoca a dimensão sentimental da imagem. Mantendo uma relação direta com a imagem, a música Intro traz o som de um fogão sendo ligado e das chamas aumentando gradualmente na melodia, o que indica que, conforme Barthes (1980), a estrutura da fotografia sempre está em diálogo com as estruturas textuais ao seu entorno.

Como um indicativo de renascimento, o fogo em *Depois do Fim* contrasta com o sentido comum do fogo como fim, numa dualidade que pode ser pensada como barroca. Essa ideia é reforçada pelo semblante sereno que os artistas passam na imagem, contradizendo a reação normal associada a incêndios. Barros (1999) entende o dialogismo como o sentido de um texto através das conexões entre os indivíduos ou contextos. Para a autora, “o contexto” não é um “fora da linguagem”, mas “uma rede de textos da cultura que dialogam de modo contratual e conflitante” (BARROS, 2003, p. 6). Assim, podemos entender o álbum como analogia de sentimentos de luto e reconstrução. Conforme Gombrich (1999, p. 310), “a natureza refletida na arte reflete sempre o próprio espírito do artista, suas predileções, seus prazeres e, portanto, seu estado de ânimo”.

Caju (2024)



Figura 5 - Capa do álbum Caju, lançado por Liniker em 2024. / Imagem: Wikipédia.

Caju (Figura 5) é o mais recente álbum de estúdio da cantora e compositora Liniker, lançado em 2024. O disco representa um marco importante na carreira da artista, destacando sua relevância na música brasileira. Com os créditos na produção designados a Fejuca e Ruiz, Liniker se capacita para transmitir a busca por afeto, amor e outras emoções universais em baladas como a faixa-título, *Caju*, que combina piano, sintetizadores, programações, bateria e percussão.

Com fotografia assinada por Caroline Lima, a capa de *Caju* apresenta Liniker em um automóvel, com uma expressão neutra. Na imagem, a artista se destaca por seus diversos anéis, que brilham à luz do sol, e reforçam o jogo de claro e escuro com o interior do veículo. Parece haver uma dualidade expressa também no encontro de cores opacas e saturadas, como, respectivamente, do azul do céu com o vermelho da lataria do carro.

Na perspectiva de Martin Jay (2020), o barroco valoriza as camadas e a complexidade das imagens, sem restringi-las a uma única ideia. Essa combinação de estética e significado torna a capa uma forma de apresentação visual para o conteúdo musical que *Caju* oferece, e constrói metáforas para as vivências da artista, como nas sombras que preenchem o interior do veículo e invadem o rosto da artista.

Considerações finais

Algo do Barroco parece perdurar no tempo presente. Neste estudo, essa herança barroca parece antecipar, através das capas, o conteúdo dos álbuns. Assim, a capa do álbum não é apenas uma apresentação visual, mas uma apresentação para explorar as camadas diversas que a música oferece, gerando uma conexão importante entre a imagem e a experiência sonora.

REFERÊNCIAS

- ROUANET, S. P. **Barroco ontem e hoje**. Ensaio, 2003.
- BARTHES, R. A mensagem fotográfica. In: **A Aventura Semiológica**. Rio de Janeiro: Globo, 1984.
- BARROS, D. L. P. Dialogismo, polifonia e enunciação. In: **Dialogismo, polifonia, intertextualidade**: em torno de Bakhtin. Tradução. São Paulo: Edusp, 2003.
- GOMBRICH, E. H. **A História da Arte**. Rio de Janeiro: LTC, 1999.
- JAY, M. **Regimes escópicos da modernidade**. ARS, São Paulo, v. 18, n. 38, 2020.
- KRAGULJAC, I. **The implementation of chiaroscuro in photography and cinematography**. Tese, 2008.